



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
FACULDADE DE LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES - FALLA
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS INGLÊS**

GABRIELLE OLIVEIRA CORDEIRO

**“A PORTA NO MURO” DE H. G. WELLS: UMA ANÁLISE À LUZ DA
PSICOLOGIA AMBIENTAL**

**CAMPINA GRANDE
2024**

GABRIELLE OLIVEIRA CORDEIRO

**“A PORTA NO MURO” DE H. G. WELLS: UMA ANÁLISE À LUZ DA
PSICOLOGIA AMBIENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado à Coordenação do Curso de Letras
Inglês da Universidade Estadual da Paraíba,
como requisito parcial à obtenção do título de
Graduação em Letras Inglês.

Orientador: Prof. Me. Johnny Glaydson dos Santos Tavares

CAMPINA GRANDE

2024

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C794a Cordeiro, Gabrielle Oliveira.

"A Porta no Muro" de H. G. Wells [manuscrito] :
uma análise à luz da psicologia ambiental / Gabrielle
Oliveira Cordeiro. - 2024.

18 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba,
Faculdade de Linguística, Letras e Artes, 2024.

"Orientação : Prof. Me. Johnny Glaydson dos
Santos Tavares, Coordenação do Curso de Letras
Inglês - CEDUC. "

1. Literatura comparada. 2. Psicologia ambiental.
3. Análise literária. I. Título

21. ed. CDD 809

GABRIELLE OLIVEIRA CORDEIRO

**LITERATURA E PSICOLOGIA AMBIENTAL: AS ESCOLHAS DE PASSAR PELA
PORTA NO CONTO "A PORTA NO MURO" DE H. G. WELLS**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado à Coordenação do Curso de Letras
Inglês da Universidade Estadual da Paraíba,
como requisito parcial à obtenção do título de
graduado em Letras Língua Inglesa.

Aprovada em: 08/08/2024.

Média: 9,5

BANCA EXAMINADORA

Johnny Glaydson dos Santos Tavares
Prof. Me. Johnny Glaydson dos Santos Tavares (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Rivaldo Ferreira da Silva
Prof. Me. Rivaldo Ferreira Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Thiago Rodrigo Almeida Cunha
Prof. Me. Thiago Rodrigo Almeida Cunha
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	05
2	APORTE TEÓRICO	06
2.1	Literatura e Psicologia: uma reflexão dentro da Literatura Comparada ...	06
2.2	Psicologia Ambiental: relação “pessoa-ambiente” e relação “personagem-ambiente”	07
3	O ATO DE PASSAR PELA PORTA NO CONTO SOB A PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA AMBIENTAL	08
3.1	A porta no conto e sua riqueza de significações	08
3.2	Preparação (antes)	10
3.3	Passagem (durante)	11
3.4	Adaptação ao novo espaço (depois)	12
3.5	As escolhas de Lionel Wallace de não passar pela porta	13
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	15
	REFERÊNCIAS	16

“A PORTA NO MURO” DE H. G. WELLS: UMA ANÁLISE À LUZ DA PSICOLOGIA AMBIENTAL

Gabrielle Oliveira Cordeiro¹

RESUMO

Esta pesquisa trata, através de abordagem qualitativa e procedimento bibliográfico, de interpretações frente à alegoria do ato de passar pela porta através da Psicologia Ambiental no conto “A Porta no Muro” de H. G. Wells, o qual narra a história do personagem Lionel Wallace, um senhor de meia idade que confia para seu amigo o dia em que encontrou uma porta no muro durante a sua infância e a atravessou, essa que o evidenciou um mundo diferente. Diante disso, o objetivo do presente artigo é analisar as escolhas do personagem do conto e o ato de passagem pela porta através da perspectiva da Psicologia Ambiental, e, por conseguinte, discutir sobre o objeto e sua riqueza de significações e identificar os três tempos (antes, durante e depois) no ato de passagem. Consequentemente, foram apresentados apontamentos teóricos acerca da relação entre Literatura e Psicologia, interligadas pelo campo da Literatura Comparada, a partir da ótica de autores que se dedicam a esses estudos, como Russell (1964), Carvalho (1986) e Coutinho (2006), além de conceitos da Psicologia Ambiental, destacando autores e suas contribuições teóricas, como Sylvia Cavalcante e Gabriel Moser.

Palavras-Chave: literatura; psicologia ambiental; literatura comparada; a porta no muro.

ABSTRACT

This research deals, through a qualitative approach and bibliographic procedure, with the interpretations regarding the allegory of the act of passing through the door in the light of Environmental Psychology in the short story “The Door in the Wall” by H. G. Wells, which tells the story of the character Lionel Wallace, a middle-aged man who confides to his friend the day he found a door in the wall during his childhood and went through it, which revealed to him a different world. Therefore, the objective of this article is to analyze the choices of the character in the short story and the act of passing through the door through the perspective of Environmental Psychology, and, consequently, to discuss the object and its richness of meanings and identify the three times (before, during, and after) in the act of passing. In this article, notes were presented about the relationship between Literature and Psychology, interconnected by the field of Comparative Literature, from the perspective of authors who dedicate themselves to these studies, such as Russell (1964), Carvalho (1986), and Coutinho (2006), in addition to concepts from Environmental Psychology, highlighting authors and their theoretical contributions, such as Sylvia Cavalcante and Gabriel Moser.

Keywords: literature; environmental psychology; comparative literature; the door in the wall.

¹ Gabrielle Oliveira Cordeiro. Graduação em Licenciatura em Letras Inglês pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: contatosgabriellecordeiro@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Herbert George Wells (1866-1946), conhecido como H. G. Wells, foi um escritor inglês do século XX e considerado o pai da ficção científica. Autor de livros como *The Time Machine* (1894), *The Island of Dr. Moreau* (1896), *The Invisible Man* (1897) and *The War of the Worlds* (1898), entre muitos outros, cujos temas e ambientes narram, de forma alegórica, a história humana, as possibilidades investigativas da ciência e os potenciais caminhos em direção ao futuro.

Sob essas perspectivas, inclui-se o conto “A Porta no Muro” (1906), especialmente no que se refere ao teor alegórico e direcionamentos de caminhos possíveis, pois trata-se de uma narrativa frente à história do personagem Lionel Wallace, um senhor de meia idade que confia para seu amigo o dia em que encontrou uma porta no muro durante a sua infância e a atravessou, essa que o evidenciou um mundo diferente, como um jardim encantado que ele jamais esqueceu, que, inclusive, o fez sentir arrependimento por ter a ignorado em outros momentos em que apareceu para ele.

Diante das possibilidades de interpretações que o conto oferece, surgiu em mim um interesse crescente pela análise dos símbolos presentes nessa produção de H. G. Wells, em específico analisar a simbologia da porta na narrativa, sobretudo frente à perspectiva da Psicologia Ambiental, uma vez que ela oportuniza caminhos férteis ao entendimento das inter-relações humano-ambientais (Cavalcante, 2003), assim como também diante de interpretações possíveis sobre a obra analisada. Acredita-se, por conseguinte, que esta pesquisa contribuirá com a exposição da obra “A Porta no Muro”, visto que a mesma possui poucos aportes teóricos/reflexivos acadêmicos no que se refere às análises e interpretações, em especial a interligando com outras áreas do conhecimento, como a Psicologia, como é o caso desta pesquisa, o que evoca a interdisciplinaridade da Literatura.

Assim, pretende-se neste trabalho analisar as escolhas do personagem do conto e o ato de passagem pela porta através da perspectiva da Psicologia Ambiental, e, por conseguinte, discutir sobre o objeto e sua riqueza de significações e identificar os três tempos (antes, durante e depois) no ato de passagem.

Entretanto, como entender precisamente a alegoria do ato de passar pela porta através da Psicologia Ambiental? Inicialmente, acredita-se que os eventos da vida do personagem na narrativa influenciaram no seu ato de passar ou não pela porta, o que evidencia uma relação recíproca entre ele e a porta e os ambientes em que ela surge, sobretudo, como um meio de pertencimento e “identidade de lugar”, uma vez que o personagem é acompanhado por memórias nostálgicas sobre a sua experiência com a porta, o que alimenta as reflexões existenciais constantes sobre sua vida.

Para ir de encontro a esta hipótese inicial, este artigo foi desenvolvido a partir de uma abordagem qualitativa, essa que favorece na investigação do fenômeno em estudo e das suas relações, buscando entender a individualidade e os significados múltiplos (Gil, 1999). Ou seja, buscaremos compreender as simbologias da porta e as escolhas de passar (ou não) por ela a partir de um processo de interpretação, reflexão e análise. Foi utilizado também um procedimento bibliográfico, dispondo de livros, teses, dissertações e artigos científicos que fundamentaram as reflexões e apontamentos diante dos conceitos e da análise que será empregada no decorrer do texto.

A fim de propiciar uma organização à investigação, o trabalho será dividido, além desta introdução, por um tópico que trará o aporte teórico, dividido por dois subtópicos específicos. O primeiro deles apresenta apontamentos acerca da relação entre Literatura e Psicologia, interligadas pelo campo da Literatura Comparada, a partir da ótica de autores que se dedicam a esses estudos, como Russell (1964), Carvalhal (1986) e Coutinho (2006); já o segundo

subtópico, foi construído a fim de compreender conceitos da Psicologia Ambiental, apresentando o conceito de relação “pessoa-ambiente”, destacando autores e contribuições teóricas que dialogam e debatem em torno desse conceito, como os estudos de Sylvia Cavalcante e Gabriel Moser. Depois, será exposta a análise que refletirá sobre tais conceitos, especialmente sobre a inter-relação entre indivíduo e ambiente físico, “espaço”, “lugar” e “identidade de lugar” como constituição do processo identitário, dentro da literatura, tendo como exemplo o conto de Wells. Por fim, concluímos o presente trabalho com as considerações finais que resgatam pontos importantes descobertos ao longo da pesquisa, bem como retomam algumas reflexões em torno do conto diante da Literatura Comparada e da Psicologia Ambiental.

2 APORTE TEÓRICO

Visto que analisaremos as escolhas do personagem no conto “A Porta no Muro” sob a perspectiva da Psicologia Ambiental, apresenta-se, para que esse diálogo seja possível, a necessidade de tratar sobre duas áreas do conhecimento: Literatura e Psicologia, que se divergem no que se refere à abordagem, mas que podem contribuir para um entendimento recíproco de ambas áreas. Consequentemente, a Literatura Comparada surge como uma opção para organizar nossa análise.

2.1 Literatura e Psicologia: uma reflexão dentro da Literatura Comparada

A Literatura Comparada percorreu por um longo caminho até a sua consolidação como uma disciplina acadêmica, evidenciando uma interdisciplinaridade aparente. À medida que as definições frente a esse campo de estudo foram se desenvolvendo, buscaram unir a outras formas de expressão artística e outras áreas do conhecimento, como podemos ver em estudos desenvolvidos no século XIX, a exemplo de J. J. Ampère, que em 1830 já se referiu à história comparativa das artes e da literatura, e Philarète Chasles, que em 1840 propôs uma visão conjunta da história da literatura, da filosofia e da política nos cursos que ministrou (Carvalho, 1986). Foram numerosos os estudos que evidenciam a relação entre literatura e outras áreas do conhecimento, como o caso da Sociologia, da Filosofia e da Psicologia, que forneceram um instrumental para a abordagem do fenômeno literário, e se serviram da Literatura para suas formulações teóricas (Coutinho, 2006). Dessa forma, entende-se que a Literatura Comparada vai além de uma comparação entre obras literárias, possibilitando a interação com outras áreas do conhecimento, ou ainda proporcionando que outras áreas busquem entender certos conceitos dentro da literatura.

Por exemplo, o fundador da psicanálise, Freud, tentou interpretar o Rei Édipo, de Sófocles, e Hamlet, de Shakespeare, e dialogar com suas teorias, reduzindo-se a explicar a aceitação universal que ambas revelavam o amor à própria mãe e o ódio ao pai (Leite, 2002). E Jung que, em seu artigo Psicologia e Poesia, considerou Fausto de Goethe uma obra que é constituída pelos modos psicológicos e visionários (Baiocchi; Niebielski, 2009).

Entretanto, é importante ressaltar que ambas as áreas, Literatura e Psicologia, são diferentes e existe a dificuldade de associar uma com a outra. Embora mesmo que as duas estejam preocupadas com o comportamento e o pensamento humano, suas abordagens diferem: os psicólogos preferem observações que possam ser replicadas, enquanto o escritor lida com analogias, metáforas e talvez ambiguidade intencional (Russell, 1964).

Ainda que existam tais diferenças, é possível ter consciência da sobreposição das duas áreas, ambos podem tentar descrever vidas humanas não apenas em termos de ação aberta, mas

em relação à personalidade (Russell, 1964). Conseqüentemente, o conhecimento de uma área pode contribuir para outra. Como bem pontua Russell (1964), existem ao menos quatro categorias que descrevem ambos os campos, sendo elas: (1) psicologia do escritor, (2) a psicologia do processo criativo, (3) respostas (reações) à literatura e (4) o estudo do comportamento descrito nas obras literárias, sendo esse último provavelmente a área com escritos mais volumosos e suposições mais exuberantes. Inclusive, a análise que será desenvolvida nesta pesquisa, entre a obra “A Porta no Muro” e a área da psicologia (especificamente a Psicologia Ambiental), será refletida nos próximos tópicos dentro dessa quarta categoria. Mas, antes de estabelecer essa reflexão, torna-se importante saber mais sobre a Psicologia Ambiental e suas possíveis relações com um texto literário.

2.2 Psicologia Ambiental: relação “pessoa-ambiente” e relação “personagem-ambiente”

O surgimento do campo da Psicologia Ambiental se deu após a II Guerra Mundial com o processo de reconstrução das cidades, surgindo inicialmente como o nome de “Psicologia da Arquitetura”, nos fins dos anos 50 e começo dos anos 60 (Melo, 1991), pois havia uma necessidade dos arquitetos de entenderem os requerimentos e as necessidades dos futuros ocupantes de grandes obras (Langdon, 1966, *apud* Melo, 1991). Segundo Melo (1991), o termo específico de “Psicologia Ambiental” surgiu na ocasião de um seminário a respeito do relacionamento entre o *design* de sala de hospitais psiquiátricos e a evidência do progresso terapêutico.

De acordo com Gabriel Moser, um dos maiores contribuidores deste campo de estudo, a Psicologia Ambiental é o estudo das inter-relações entre indivíduo e seu ambiente físico e social, nas suas dimensões espaciais e temporais (Moser, 2005). A especificidade da Psicologia Ambiental é de analisar como o indivíduo avalia e percebe o ambiente e, ao mesmo tempo, como ele está sendo influenciado por esse mesmo ambiente (Moser, 1998).

É uma disciplina que trata do “psicológico”, quer dizer, do indivíduo, enquanto ser que pensa, que sente e que age, de um lado, e do ambiente, de outro lado. Trata-se de Psicologia, portanto, de uma disciplina que lida com o indivíduo em sua relação com o ambiente (Moser, 2005), sendo essa relação “indivíduo-ambiente” analisada em quatro níveis de referências espacial e social.

1) o micro-ambiente: o espaço privado, a moradia, implicando o indivíduo; 2) os ambientes de proximidade: os espaços partilhados semi públicos, o habitat coletivo, o bairro, o lugar de trabalho, os parques e os espaços verdes, concernentes à comunidade de proximidade ou de vizinhança; 3) os ambientes coletivos públicos: as cidades, os vilarejos, e os povoamentos diversos, implicando os agregados de indivíduos; e 4) o ambiente global: o ambiente em sua totalidade, construído ou não, os recursos naturais e os concernentes à sociedade enquanto tal (Moser, 2005, p. 282).

Ou seja, a Psicologia Ambiental além de ter seu foco no indivíduo, também dá atenção às dimensões sociais e culturais do ambiente. Moser ainda reforça que esta perspectiva foi, e é, antes de tudo, uma Psicologia do espaço, na medida em que ela analisa as percepções, as atitudes e os comportamentos do indivíduo em sua relação explícita com o contexto físico e social no qual ele evolui (Moser, 2005).

Entretanto, “espaço” não é o mesmo que “lugar”, e para que seja possível entender essa relação do indivíduo com o espaço, é importante primeiro ressaltar a diferença de ambos conceitos dentro da Psicologia Ambiental: o “espaço” é matéria caracterizada por sua exterioridade em relação ao indivíduo, é neutro, já que não se atribui a ele significado, enquanto o “lugar” é um espaço que identificamos, é um espaço no qual estabelecemos parada. É um espaço ao qual se atribui significado e que ganha valor pela vivência e pelos sentimentos.

“Lugar” é o espaço com o qual se estabelece relação. Sendo assim, para que haja a criação do lugar é preciso interação com um espaço e o seu uso habitual, a criação do lugar é um processo de troca entre a pessoa e o ambiente que supõe percepção, vivência, significado, apego, um envolvimento emocional e físico, uma afeição do corpo pelo lugar (Nóbrega; Cavalcante, 2011).

Ademais, além do “lugar”, ressalta-se a importância da “identidade do lugar”, que é construída a partir da interação do indivíduo com seu entorno físico e social, essa construção está ligada à percepção de um conjunto de cognições e ao estabelecimento de vínculos emocionais e de pertencimento relacionados ao entornos significativos para o sujeito (Mourão; Cavalcante, 2011), sendo assim, “identidade” é um processo que acontece ao decorrer da vida do indivíduo e se concebe de forma dinâmica e mutável desde as experiências da vida, sendo importante levar em conta a satisfação do indivíduo com suas necessidades e desejos.

A construção da identidade está relacionada tanto a aspectos temporais, ao desenrolar da vida dos sujeitos, quanto aspectos espaciais, mais propriamente ao lugar ou lugares aos quais as pessoas se sentem vinculadas a partir de um processo de apropriação essencial à identificação ou construção de sua identidade. A “identidade de lugar” tem como função principal a criação de um cenário interno que sirva de sustento e proteção à “autoidentidade”, sendo base sobre as modificações na identidade advindas das transformações no ambiente. O ser humano tem a capacidade de se apropriar, de se vincular e se enraizar no espaço, a necessidade de ter um lugar para a expressão de sua subjetividade (Mourão; Cavalcante, 2011).

Em reação aos ambientes que compõem a identidade, podem existir concretamente quanto podem ser representados de forma simbólica em nossa mente: a eles nos referimos e incorporamos percepções e experiências vivenciadas, a partir de nossa visão de mundo e de nosso autoconceito, conferindo sentido ao eu e integrando mudanças à identidade. Deve-se ressaltar ainda a importância do papel das lembranças na constituição do processo identitário, pois traz à mente identificações e diferenciações que habitam nosso passado ambiental. O princípio da continuidade mantém na lembrança os espaços que tiveram significado emocional para o sujeito e serviram de referência para ações e experiências passadas (Mourão; Cavalcante, 2011).

Pensando sobre tais conceitos, especialmente sobre a inter-relação entre indivíduo e ambiente físico, “espaço”, “lugar” e “identidade de lugar” como constituição do processo identitário, como relacioná-los com a literatura precisamente? Como estabelecer a relação “personagem-ambiente” diante dessas perspectivas da Psicologia Ambiental no campo ficcional? Inicialmente, podemos considerar a Literatura como uma leitura do mundo, pois a arte literária é criada da visão do seu autor/artista com sua própria subjetividade e pensamentos, entende-se assim que há uma recriação da realidade, seja baseado no real ou fruto da imaginação do autor. Conseqüentemente, a literatura pode nos possibilitar, enquanto leitores, reflexões sobre nossas vidas cotidianas após apresentar situações das quais possamos nos identificar, tendo o poder de despertar pensamentos sobre a nossa relação com os ambientes que estamos inseridos. Assim, para estabelecer a relação dos conceitos aqui evidenciados com o conto de Wells, é preciso visualizar dentro da obra essa representação da realidade que demonstra a inter-relação entre indivíduo e o seu ambiente (mesmo se tratando de uma obra ficcional) e estimular as possibilidades de interpretações e reflexões.

3 O ATO DE PASSAR PELA PORTA NO CONTO SOB A PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA AMBIENTAL

3.1 A porta no conto e sua riqueza de significações

Inicialmente, torna-se relevante compreender melhor sobre o objeto que estou destacando como maior símbolo no conto: a porta. E em relação ao seu significado, é preciso deixar claro que a porta não é apenas um elemento material, mas também um conceito, em múltiplas situações da vida cotidiana é uma noção que se aplica.

[...] os dicionários atribuem à palavra “porta” diversos significados, sendo o mais evocado aquele que se refere à estrutura espacial móvel. Entretanto, em todas as definições, assim como em várias expressões em que a palavra “porta” é utilizada, seja qual for o campo de aplicação ao qual ela se refira, percebe-se que existe um núcleo comum de significação que permanece e que é imutável. Este núcleo constitui a essência mesma do conceito (Cavalcante, 2003, p.4).

No entanto, a porta pode assumir significações que vão além de algo permanente e imutável, principalmente quando utilizado no campo metafórico (alegorias sobre o início, abertura, passagem, descoberta e/ou saída), questão essa que podemos enxergar no conto de Wells. Por exemplo, no conto, a porta vai além do elemento material, pois ao realizar o ato de passagem o protagonista consegue se transportar de maneira imaginativa (ou real para o personagem) para outro lugar, como podemos perceber nesse trecho evidenciado pelo narrador: “Para ele, pelo menos a Porta no Muro era uma porta de verdade que levava de um muro real a realidades imortais. Disso, agora tenho certeza” (Wells, 2020, p. 12).

Além dessa relação da porta que sobressai um elemento material, através do teor imaginativo, o personagem evidencia diferentes tipos de significados, através de sensações e sentimentos, nos ambientes que a porta oferece. Para Cavalcante (2003), a porta oferece possibilidade de escolha, uma abertura ou um fechamento. A escolha entre um e outro desses estados oferece a oportunidade de, através da porta, o homem poder interferir em seu espaço e criar uma variedade de climas. No conto, o primeiro ambiente evidenciado antes da passagem pela porta é o lugar “natural” do personagem, de um convívio severo, já o segundo ambiente, revelado depois da passagem pela porta, é um lugar novo, inspirador e leve. Ou seja, apesar de Cavalcante (2003) pontuar uma informação de mudança de ambiente e clima que a porta oferece de forma física, na narrativa podemos interpretar além de uma perspectiva material, pois Lionel Wallace descreve dois ambientes diferentes com climas, sensações e sentimentos, que são alterados de acordo com a sua presença nesses lugares. No primeiro ambiente, como veremos mais claramente no decorrer da narrativa, ele demonstra sentir certo descontentamento, já no segundo, ele sente certo pertencimento.

Ademais, o poder de escolha entre uma porta aberta e uma fechada pode significar ter liberdade, a porta assegura essa liberdade. Ciente de que ao fazer a escolha, a porta acarreta uma ação, indo além do ato de movimentá-la. Entendendo que para abrir ou fechar uma porta é necessária uma decisão, decisão essa que supõe envolver o senso de autonomia e o de responsabilidade. Apesar da responsabilidade estar ligada ao sujeito por meio da liberdade de escolha, destaca-se que a porta é fonte de complexidade no ambiente, sendo assim, a porta pode ser considerada uma estrutura espacial rica – rica em si mesma e pela relação que ela propõe. (Cavalcante, 2003). Trazendo essa perspectiva para o conto, a narrativa alcança uma camada existencial, pois temos um protagonista que faz o uso da sua liberdade de escolha e passa pela porta correndo para que não tenha hesitações pela segunda vez, e ao fazer isso a porta o leva para um jardim encantado, o segundo ambiente, que começa a fazer parte da sua existência, ou dar sentido a ela, o apresentando a uma ideia de “identidade de lugar”, já que esse conceito se dá a partir da interação do indivíduo com seu entorno e os vínculos emocionais e de pertencimento relacionados a ele.

Através dessas significações iniciais ligadas à porta, são nítidos três momentos importantes nas interações do protagonista com o objeto: antes, durante e depois. Momentos

esses influenciados por suas emoções, atração e recusa. Nas concepções da Psicologia Ambiental,

[...] o ato de passar por uma porta se compõe de três tempos – antes, durante e depois da porta – caracterizados todos, pelo mesmo objetivo funcional, a passagem, que os identifica respectivamente como preparação, passagem propriamente dita, e adaptação ao novo espaço ou domínio de ação. Trata-se de uma porta material ou imaterial, estas três fases estarão sempre presentes em qualquer ato de passagem (Cavalcante, 2003, p. 287).

Dessa forma, é possível encaixar o momento que Lionel Wallace passa pela porta nesses três tempos, sendo a preparação (o antes), quando ele encontra a porta pela primeira vez, a passagem (durante), momento que ele decide passar pela porta, e a adaptação ao novo espaço (depois), a interação do personagem com o jardim encontrado após a passagem.

3.2 Preparação (o antes)

Para que possamos identificar a preparação (o antes de passar pela porta) no conto, precisamos mencionar como a história do personagem Lionel Wallace é apresentada. A história, narrada em primeira e terceira pessoa por seu amigo chamado Redmond, inicia através das memórias do narrador, especialmente sobre uma noite de confidências entre os dois já adultos, a qual Wallace conta com simples convicção sobre a Porta no Muro.

Já superei minhas dúvidas. Acredito agora, como acreditei no momento em que a história foi contada, que Wallace se esforçou ao máximo para revelar a verdade do segredo dele para mim. Mas, se ele mesmo via, ou se só achava que via, se era dono de um privilégio inestimável ou se era vítima de um sonho fantástico, não posso nem fingir que sei (Wells, 2020, p. 7).

Com cautela e de forma vaga, Wallace confia para seu amigo como se sente assombrado por algo que tira a luz das coisas e que isso o enche de desejos. Aos poucos, começamos a ter um breve entendimento sobre o quanto a história que Wallace está prestes a contar toca-o de uma forma como nenhuma outra, pois segundo ele mesmo é uma lembrança cheia de beleza e felicidade que faz qualquer outro espetáculo do mundo ser tedioso para ele.

Ao continuar falando, lembra que Redmond e ele estudaram no mesmo lugar durante quase todos os anos letivos, no Colégio Saint Athelstan. Redmond tem memórias de como Wallace era um aluno de desempenho extraordinário resultando em muitas bolsas de estudo e sobre ter ouvido pela primeira vez sobre a Porta no Muro.

Quando tinha cinco anos de idade, conta Lionel Wallace para Redmond, que não lembra o que aconteceu para que ele pudesse ter saído de casa no dia que encontrou a porta pela primeira vez e nem que destino seguiu pelas ruas de West Kensington, mas recorda-se de um muro branco, de uma porta verde e da emoção que sentiu a primeira vez que os viu ao andar pelas ruas. Wallace sentia-se atraído e repellido pela porta, com desejo de abri-la e entrar, mas ao mesmo tempo tinha certeza que era imprudente fazer isso. Nesse ponto da narrativa, é possível um leitor identificar a preparação que se inicia para passar pela porta e despertar curiosidade sobre as significações e interpretações que o objeto porta proporciona. Por exemplo, o que pode significar o objeto porta para uma criança como Lionel Wallace? Qual o motivo da cor verde do objeto? Por que isso está inserido em uma parede branca?

Na conversa da confidência e explicação sobre a porta, Lionel enfatiza que era um garoto precoce, aprendeu a falar cedo e tinha permissão para tomar iniciativas, das quais comparado a outras crianças de 7 anos, não tinham, sendo assim podemos considerar como um dos motivos pelo qual ele teve a iniciativa de sair de casa. Além do mais, sua mãe era falecida e ele ficava sob a responsabilidade de uma governanta, a qual era autoritária e pouco o vigiava,

já seu pai, um advogado severo, era um homem ocupado e dava pouca atenção ao filho, mas tinha grandes expectativas nele. É comum que crianças dessa idade sejam curiosas e que tenham interesse em explorar o mundo ao seu redor. Por ser um garoto precoce e a falta de cuidados ao vigiá-lo, Lionel teve essa facilidade para sair do seu “micro-ambiente”, sua casa, para os “ambientes de proximidade”, que foram as ruas pelas quais ele passou até ver a porta, o que despertou atração e momentos de hesitação. Dessa forma, a porta pode inicialmente significar para o personagem a possibilidade de explorar, a curiosidade, a mudança de ambiente. No que se refere as cores, do muro e da porta, a narrativa abre espaço para interpretações sobre a pacificação e tranquilidade da cor branca, assim como traz um tom de esperança ao apresentar uma porta da cor verde.

Na narrativa, liderada por um narrador testemunha², é nítido para Redmond, que o motivo inicial da hesitação de Wallace em passar pela porta seria o fato de o pai ficar furioso se ele entrasse. “Wallace descreveu todos os momentos de hesitação com minuciosos detalhes. Ele passou em frente à porta e, com as mãos nos bolsos, fazendo uma tentativa infantil de assobiar, foi até o fim do muro” (Wells, 2020, p. 17). Entretanto, mesmo que fingisse examinar coisas como canos de cerâmica, latas de tinta e as variedades de lojas nas ruas, Wallace desejava fervorosamente a porta verde encontrada no muro branco.

O que havia de interessante naquela porta que pudesse atrair a atenção de uma criança? O protagonista já havia observado a variedade de lojas e descrito como comuns e sujas, em específico a de um encanador e pintor, com canos de cerâmica empoeirados. Por outro lado, a porta no muro era algo diferente e bonito, pois não havia apenas isso,

Havia hera-americana vermelha nela, um tom carmim vibrante e uniforme ao sol âmbar num muro branco. Apareceu de repente, embora eu não lembre bem como, e havia folhas de castanheira-da-índia no chão limpo na frente da porta verde. Estavam com manchas amarelas e verdes, sabe, não marrons nem sujas. Deviam ter acabado de cair (Wells, 2020, p. 13-14).

Em comparação as ruas e lojas, além do objeto porta ser diferente, todo seu entorno também era atrativo. As plantas e suas colorações eram admiráveis e apesar de sua presença ali, o chão ainda continuava limpo. Esses indícios podem ser interpretados no conto como a existência de dois ambientes opostos, o qual o segundo se sobressai ao primeiro, pois atrai o protagonista, o que acaba o influenciando a realizar a passagem pela porta desconhecida.

3.3 Passagem (durante)

O protagonista correu com a mão esticada em direção a porta e a atravessou, em um instante ele havia parado em um jardim. Na Psicologia Ambiental, a passagem por uma porta consiste sempre em uma mudança, seja de ambiente, seja de nível, de domínio ou de vida (Cavalcante, 2003). Visualizando a narrativa, entende-se que ao passar pela porta, Lionel Wallace realizou uma mudança de ambiente, após a sua passagem e estando nesse novo ambiente, ele sentia-se bem, leve e feliz.

Havia algo no ar de lá que inspirava euforia, que dava uma sensação de leveza e coisas boas e bem-estar; havia algo na visão que deixava todas as cores limpas e perfeitas e sutilmente luminosas. No momento em que entrou, o sentimento foi de uma felicidade intensa... como só acontece em raros momentos e quando se é jovem e cheio de vida e se pode ficar feliz neste mundo. E tudo era lindo lá... (Wells, 2020, p. 18-19).

² É um dos personagens presentes na história, mas não é o protagonista. O narrador testemunha narra os acontecimentos, mas não sabe o que ocorre na intimidade dos outros personagens.

Podemos perceber que a mudança de ambiente causa em Lionel Wallace diferentes sensações/emoções, inicialmente, apenas em se deparar com um belo jardim ao atravessar a porta, o protagonista é preenchido por felicidade e enfatiza o quanto se sentiu bem nesse lugar, algo que não é citado antes na vivência de seu “micro-ambiente” e nos “ambientes de proximidade” pelos quais ele percorreu até encontrar a porta. Nesse sentido, comparando as ruas e lojas com um lindo jardim, é perceptível que para uma criança o jardim atrairia mais atenção e ofereceria oportunidades para vivências.

No momento em que a porta se fechou atrás de mim, esqueci a rua com as folhas caídas, os táxis e carrinhos de comerciantes, esqueci o tipo de atração gravitacional para a disciplina e a obediência de casa, esqueci todas as hesitações e medos, esqueci a discrição, esqueci todas as realidades íntimas desta vida. Em um momento, me tornei um garotinho muito feliz e maravilhado... em outro mundo. Era um mundo com atributos diferentes, uma luz mais calorosa, mais penetrante e suave, com uma felicidade clara e leve no ar e fios de nuvens tocadas pelo sol no azul do céu (Wells, 2020, p. 21-22).

É possível identificar também uma “mudança de domínio”, após a porta se fechar, Lionel Wallace tem o seu bem-estar psicológico afetado de maneira positiva, ao esquecer da disciplina, da obediência, das hesitações e medos, ele se torna apenas um garoto usufruindo da liberdade dada pela porta e por esse novo lugar, o possibilitando uma nova experiência existencial. Em relação à “mudança de nível”, temos um protagonista que saiu do seu “micro-ambiente” (moradia) e depois se encontra em um lugar que pode ser vislumbrado como um “ambiente global”, já que para o personagem é visto como um ambiente em sua totalidade, ou seja, completo para ele. O novo ambiente se constitui no conto como um nível de maior oportunidades e possibilidades. Já enquanto a “mudança de vida”, podemos conciliar com o conceito de “identidade de lugar”, pois a experiência com o jardim para Lionel Wallace é uma lembrança da qual faz parte da construção de um processo identitário e de um significado emocional de pertencimento.

3.4 Adaptação ao novo espaço (depois)

Lionel Wallace descreve como era o lugar para seu amigo Redmond, começa falando sobre duas onças pintadas enormes que estavam brincando com uma bola e que ele não sentiu medo dos animais, explicou que havia um caminho longo e amplo com canteiros de mármore com flores dos dois lados, não sabia dizer ao certo o tamanho do jardim, mas era enorme com colinas ao longe. Através da abertura da porta, o olhar pode buscar outros mundos (Cavalcante, 2003). Dessa forma, ao atravessar a porta, Lionel Wallace estava em outro mundo, o mundo do jardim encantado que o trazia possibilidades, oportunidades, liberdade e vivências para a construção de uma “identidade de lugar”, o que, conseqüentemente, pode estabelecer uma “autoidentidade”.

Nesse novo mundo, uma garota alta e sorridente aparece para falar com Lionel Wallace, ela o segura pela mão e o leva pelo caminho. À medida em que estão andando, a criança observa o jardim, os degraus largos com galhos de delfínios, uma alameda com árvores velhas e escuras, assentos de honra, estátuas de mármore e pombas brancas. A garota gentil faz perguntas e conta coisas agradáveis das quais ele não se lembra. Anteriormente, a figura feminina apresentada pelo protagonista era apenas a governanta, mas agora podemos perceber uma outra representação, a garota de branco. Levando em consideração que Lionel Wallace é órfão de mãe e a sua governanta tinha poucos cuidados com ele, essa nova figura feminina pode ser comparada a uma representação materna, por ser gentil, confiável, afetuosa e agradável como imagina-se que uma mãe deva ser com seu filho.

Eles passaram por um velho meditando entre louros, por um lugar animado com periquitos até chegarem a um palácio espaçoso com chafarizes. Havia muitas pessoas, que segundo Lionel Wallace, eram lindas, gentis e estavam felizes por ele estar ali. O protagonista é representado na narrativa como um garoto solitário, então foi importante para ele ter encontrado amigos que o possibilitava felicidade. Pela descrição que é dada sobre o lugar que essas pessoas estão, espaço em que o protagonista cria apego e envolvimento emocional, entende-se que seja um vilarejo, ou melhor, “ambiente coletivo público”, que logo abre possibilidades de indícios de pertencimento para Lionel Wallace.

Outra mulher, usando um vestido longo e carregando um livro, aparece e o leva para a galeria acima de um salão, embora seus novos amigos tivessem ficado contrariados ao vê-lo partir e parando o jogo para o observar sendo levado, eles pediam para que Lionel Wallace voltasse logo. A mulher aponta para o livro aberto e o mostra páginas onde ele se via, a história era sobre ele, havia todas as coisas que tinham acontecido desde o seu nascimento. O protagonista via as pessoas se mexerem nas páginas, viu sua mãe, seu pai, seu quarto e todas as coisas familiares de sua casa. Há uma troca de interações entre o protagonista e o ambiente, os caminhos pelos quais ele percorreu admirado e até mesmo o caminho percorrido no seu ambiente anterior, os novos amigos que o fizeram não se sentir mais solitário, as brincadeiras que agora o divertiam, a moça que o tratou com gentileza e a mulher com o livro que demonstrava o seu mundo anterior, são indícios de uma relação estabelecida com os lugares, reforçado pelo significado que o novo lugar tem para ele, o apego e o envolvimento emocional. Assim, o protagonista estabelece nesse novo mundo um sentido de “lugar”, pois esse ambiente se transforma em um “espaço” com o qual se estabelece relação.

O garoto passava as páginas para ver mais daquele livro, até que chegou no momento em que mostrava ele em frente a porta verde no muro branco, e sentiu o conflito e o medo. Perguntou o que viria depois, tentou virar a página, mas a mulher o impediu, ele insistia e quando a mulher cedeu, a página seguinte não mostrava o jardim encantado. Wallace se viu em uma rua cinzenta em West Kensington, na hora que os postes ainda não haviam se acendido e ele chorava alto. Nesse momento percebeu que aquilo não era mais a página de um livro, mas sim a realidade, ele estava de volta ao seu ambiente anterior.

Lionel Wallace confessa para Redmond a dor incontrolável que sentiu, a vergonha e humilhação do choro em público e o retorno, que o chama de maldito retorno. Lembra-se de um senhor que aproximou-se perguntando ao garoto se estava perdido e de ter chamado um policial, logo depois uma multidão se formou ao redor e foi levado para casa.

Isso é o melhor que consigo me lembrar da minha visão daquele jardim, o jardim que ainda me assombra. Claro que não sou capaz de transmitir a qualidade indescritível de irrealidade translúcida, aquela diferença das coisas comuns da experiência que permeava tudo; mas isso... isso foi o que aconteceu. Se foi um sonho, tenho certeza de que foi um sonho acordado e extraordinário... (Wells, 2020, p. 34).

Um dos aspectos que a construção da “identidade” está relacionada é ao lugar pelo qual o indivíduo se sente vinculado, é possível entender que essa lembrança do jardim para o protagonista marcou sua vida e foi importante na construção do seu processo identitário, pois percebemos o seu sentimento de pertencimento ao lugar, onde ele pode expressar sua subjetividade.

3.5 As escolhas de Lionel Wallace de não passar pela porta

Vale ressaltar que essa não foi a única vez que a porta apareceu para Lionel Wallace, houveram outras vezes em que ela lhe dava a oportunidade de escolher. Por volta de seus 8 ou

9 anos de idade, quando já havia se esquecido completamente do jardim, Lionel Wallace brincava de um jogo que consistia em descobrir novos caminhos para chegar até a escola sem se atrasar. Em um dia, seguiu por uma rua que parecia não ter saída, mas encontra uma passagem ao final, ele passa por fileiras de lojas que considera imundas, e de alguma forma, são familiares, e então, lá estava o muro branco e a porta verde.

Acho que minha segunda experiência com a porta verde marca o mundo de diferença que existe entre a vida ocupada de um estudante e o lazer infinito de uma criança pequena. Nessa segunda vez, não pensei nem por um momento em entrar naquela hora [...] (Wells, 2020, p. 41).

Apesar de ainda ser bastante jovem, Lionel Wallace consegue entender a diferença da responsabilidade e do lazer, mas antes de chegar a esse entendimento, é importante ressaltar que, após sua volta na primeira passagem pela porta, ele foi repreendido fisicamente e psicologicamente pelas pessoas do seu “micro-ambiente”, todos foram proibidos de ouvi-lo e teve seus livros de contos de fadas tirados por um tempo. É possível que todos esses acontecimentos negativos de repreensão fizeram que ele esquecesse por um tempo sobre a porta e focasse apenas em ser uma “criança normal”. Então, nesse momento, nem mesmo a atração da porta foi o bastante para fazê-lo entrar, pois estava focado em não se atrasar para escola e perder no jogo.

Até o momento, o protagonista não havia percebido que a porta nem sempre estaria no mesmo lugar. Apesar de tê-la ignorado, Lionel Wallace passou a manhã daquele dia relembando sobre as pessoas daquele lugar que ele achava que logo voltaria a ver. As lembranças do jardim estavam tão constantes, que não conseguia guardá-las só pra ele e compartilhou com um garoto da mesma escola, o qual espalhou para outros. Logo, o protagonista é acusado de mentir pelos colegas da escola, pois além de sua história parecer inverdade, quando tentou provar mostrando a porta para os colegas, Lionel Wallace não a encontrou no lugar de antes. Mesmo sendo considerado um mentiroso pelos outros garotos, ele continuou lembrando da porta.

Aos 17 anos, voltou a vê-la pela terceira vez enquanto estava a caminho de Oxford para tentar uma bolsa de estudos, ele ficou surpreso, mas seguiu em frente. Lionel Wallace conseguiu a bolsa de estudos, seu pai o havia elogiado e ele refletia sobre a possibilidade de ter passado pela porta.

‘Se eu tivesse parado’, pensei, ‘teria perdido a bolsa de estudos, teria perdido Oxford... teria estragado a bela carreira à minha frente! Eu começo a ver as coisas com mais clareza!’ Cai numa reflexão profunda, mas não duvidei naquele momento que essa minha carreira merecia sacrifícios [...] (Wells, 2020, p. 54-55).

Mesmo diante da porta em idades e situações diferentes, o foco do protagonista continua sendo os estudos e carreira, e a possibilidade de abrir a porta implicaria em atrasos diante dos seus compromissos. A sua escolha de não passar pela porta é considerada por ele um sacrifício necessário a se fazer, pois ele estava vendo outras portas serem abertas, que possibilitavam oportunidades em seu mundo de convívio. Entretanto, apesar de ele fazer essas escolhas que parecem consciente, é importante ressaltar que o pai de Lionel Wallace esperava grandes coisas dele, entre os raros elogios que recebia, conseguir essa bolsa de estudos fez o pai dele o elogiar, então provavelmente tais escolhas seriam feitas inconscientemente influenciadas pela criação do pai.

Ele seguiu sua carreira, trabalhou arduamente, no entanto, ainda tinha sonhos com o jardim encantado e com a porta, que apareceu pela quarta vez. Caminhado por uma rua pouco movimentada viu o muro branco e a porta verde, mas ele decidiu seguir em frente, não queria

se atrasar para seu encontro, naquele dia, mesmo passando tão perto, a porta não o atraiu, mesmo sentindo que ela se abriria para ele, entretanto, nessa vez ele sentiu arrependimento.

Após anos de trabalho, a porta não voltou a aparecer, mas quando Lionel Wallace devia ter por volta de seus 40 anos, ele teve o seu vislumbre, a partir daí começou a refletir sobre a sua vida, pensava em como achava a vida penosa e as recompensas desprezíveis. Além dessa, teve mais três oportunidades em um ano e escolheu não abrir, mesmo com pensamentos decididos de que quando a visse, entraria e não sairia mais. Entretanto, essas aparições foram quando Lionel Wallace estava cumprindo deveres de seu trabalho, se despedindo de seu pai no leito de morte e quando estava conversando entre amigos, e todas as vezes foram situações das quais ele não quis/conseguiu abandonar as suas vivências no seu ambiente para escolher a porta.

Aqui estou! E minha chance escapou de mim. Três vezes em um ano a porta foi oferecida a mim; a porta que leva à paz, ao prazer, a uma beleza além de qualquer sonho, a uma gentileza que nenhum homem na face da Terra pode conhecer. E eu a rejeitei, Redmond, e ela sumiu... (Wells, 2020, p. 67).

Lionel Wallace admite para seu amigo Redmond o quanto sente sua alma sendo tomada por arrependimentos e que sai vagando a noite sofrendo e às vezes lamentando em voz alta pela porta e pelo jardim. A partir desse momento, a narrativa volta para o presente, em que Redmond relembra da notícia da morte de seu amigo. O corpo de Lionel Wallace foi encontrado em uma escavação perto de uma estação, o lugar ficava protegido do público por um muro de tábuas na rua principal e havia uma pequena porta para que trabalhadores que moravam por perto pudessem passar, a qual havia sido deixada aberta e Lionel Wallace entrou.

O protagonista ansiava tanto pela porta que o perseguia desde sua infância, desejava que mais uma vez tivesse a oportunidade de voltar a ver o jardim, que após vagar e lamentar, ele ter encontrado uma porta, mesmo sendo de uma construção, a sua mente pode ter o confundido sob tanta vontade de encontrá-la que o levou para o fim trágico. Enquanto criança temos a capacidade de fantasiar, influenciados pela inocência e ingenuidade, à medida que crescemos perdemos um pouco disso e damos espaço a responsabilidades e obrigações, seja com a família, estudos ou carreira profissional. Às vezes, desejamos voltar àqueles momentos de nossa infância em que tudo parecia possível apenas com a imaginação, como se utilizássemos uma porta que nos transportasse para os bons momentos. Apesar de ter seguido as suas responsabilidades e obrigações, Lionel Wallace passou muito tempo ansiando por mais uma oportunidade com o jardim, com a porta, que o levasse ao lugar, ao seu “ambiente global”, que o fazia ser pertencente.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo das reflexões, interpretações e análises aqui desenvolvidas, foi apresentada uma conexão entre duas áreas do conhecimento, Literatura e Psicologia, que apesar de suas divergências em abordagem, ambas podem contribuir para um entendimento recíproco entre elas, destacando um estudo dentro da Literatura Comparada, que vai além de uma comparação entre obras e destaca uma capacidade de diálogo interdisciplinar. Ressaltando-se a importância da Literatura em diálogo com outras áreas do conhecimento, em nosso papel como leitor, ela nos possibilita ainda mais situações que possamos nos identificar e refletir sobre nossas vidas, mesmo que seja em um contexto ficcional.

Através desse diálogo entre Literatura e Psicologia, objetivamos analisar as escolhas do personagem do conto e o ato de passagem pela porta através da perspectiva da Psicologia Ambiental. Como resultado, foi constatado que embora a Psicologia Ambiental seja voltada para o ambiente físico e real, as suas relações entre indivíduo e ambiente também são aplicáveis

no mundo ficcional, ou seja, para entender as relações entre personagens e ambiente, nos ajudando a constituir análises e interpretações sobre obras literárias. Além do mais, objetivamos especificamente discutir sobre o objeto porta e sua riqueza de significações e identificar os três tempos (antes, durante e depois) no ato de passagem. Vimos que a porta é apresentada no conto além de um elemento material e alcança diversas significações no campo metafórico, sendo elemento de transportação, de mudança, de pertencimento e pacificação de emoções. Esses elementos foram identificáveis durante o ato da passagem, destacando o antes diante da preparação, hesitação e atração do personagem com a porta; o durante diante da possibilidade de mudança de “ambiente”, “domínio”, “nível” e “vida”; e o depois diante da adaptação ao novo espaço e da construção da “identidade de lugar”.

Levamos ainda a seguinte questão norteadora: mas como entender precisamente a alegoria do ato de passar pela porta através da Psicologia Ambiental? Tínhamos como hipótese inicial que os eventos da vida do personagem na narrativa influenciaram no seu ato de passar ou não pela porta, o que evidencia uma relação recíproca entre ele e a porta e os ambientes em que ela surge, sobretudo como um meio de pertencimento e “identidade de lugar”, uma vez que o personagem é acompanhado por memórias nostálgicas sobre a sua experiência com a porta, o que alimenta as reflexões existenciais constantes sobre sua vida. Analisando todo o trabalho, essa hipótese se sustenta já que os eventos que ocorreram na vida do personagem tiveram influência sobre a sua decisão de passar pela porta na primeira vez, como a falta de cuidados, ausência de figuras familiares e a não identificação com o seu ambiente de convívio; e após sua passagem, houveram novos acontecimentos que o influenciaram a não passar, como as repreensões familiares e as obrigações e responsabilidades da vida. Sendo assim, durante a narrativa, é possível enxergar essa relação recíproca entre ele e a porta e os ambientes em que ela surge não só de forma literal, mas de forma metafórica e simbólica, que estabelece uma experiência entre personagem e ambiente que influencia no seu processo de construção e identidade.

REFERÊNCIAS

- BAIOCCHI, Alexandre; NIEBIELSKI, Dileuza. Psicologia e literatura: Um diálogo possível. **Travessias**, v. 3, n. 3, 2009.
- CAVALCANTE, Sylvia; NÓBREGA, Lana Mara Andrade. Espaço e lugar. **Temas básicos em psicologia ambiental**, p. 182-189, 2011.
- CAVALCANTE, Sylvia. A porta e suas múltiplas significações. **Estudos de Psicologia (Natal)**, v. 8, p. 281-288, 2003.
- CARVALHAL, Tania Franco. **Literatura comparada**. Ática, 1986.
- COUTINHO, Eduardo F. Literatura comparada: reflexões sobre uma disciplina acadêmica. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, v. 8, n. 8, p. 41-58, 2017.
- DE MELO, Rosane Gabriele C. Psicologia ambiental: uma nova abordagem da psicologia. **Psicologia USP**, v. 2, n. 1-2, p. 85-103, 1991.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. Editora Atlas SA, 2002.
- LEITE, Dante Moreira. **Literatura e psicologia**. 2002.
- MOURÃO, Ada Raquel Teixeira; CAVALCANTE, Sylvia. Identidade de lugar. **Temas básicos em psicologia ambiental**, p. 208-226, 2011.

MOSER, Gabriel. Psicologia ambiental. **Estudos de psicologia (Natal)**, v. 3, p. 121-130, 1998.

MOSER, Gabriel. A Psicologia Ambiental: competência e contornos de uma disciplina. Comentários a partir das contribuições. **Psicologia USP**, v. 16, p. 279-294, 2005.

RUSSELL, David H. Councilletter: Psychology and Literature. **College English**, v. 25, n. 7, p. 551-553, 1964.

SILVA, Daniele Cristina Agostinho. **Infoescola**, © 2006 – 2024. Narrador-testemunha. Disponível em: <https://www.infoescola.com/redacao/narrador-testemunha/>. Acesso: 02 de jul. 2024.

WELLS, H. G. **A porta no Muro**. Tradução: Regiane Winarski. Editora Wish, 2020.